



FUNDAÇÃO NACIONAL DO
LIVRO INFANTIL E JUVENIL

Seção Brasileira do International
Board on Books for Young People **IBBY**

Notícias 6

Nº. 6 Vol. 22 - Junho de 2001

A FNLIJ na X Bienal do Livro – Rio de Janeiro –

Entrega do Prêmio FNLIJ 2000 • Homenagem a Ruth Rocha Biblioteca FNLIJ / Ana Maria Machado

Belos painéis mostram as capas dos livros e trazem as justificativas dos votantes. Escritores, ilustradores, editores, professores, divulgadores e especialistas em literatura se cumprimentam, se abraçam, se confraternizam. É a entrega dos Prêmios FNLIJ aos vencedores nas diversas categorias, no ano de 2000, no auditório Carlos Drummond de Andrade, no Riocentro, no dia 18 de maio de 2001.

Esta cerimônia de entrega dos Prêmios/FNLIJ representa um encontro coletivo de olhares e de gestos, de sonhos e de projetos, de textos e de imagens, de idéias e de ideais. É a festa do livro, sendo realizada no local mais apropriado para ela: a X Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro.

Na mesa estão presentes Laura Sandroni e Marcos Pereira, membros do Conselho Diretor da FNLIJ, e Paulo Rocco, presidente do SNEL.

Beth Serra, Secretária Geral da FNLIJ, abre seu sorriso. Todas as dificuldades que marcaram a trajetória do trabalho da FNLIJ até aquele momento se desvanecem. Seus olhos se concentram no presente, no espaço já conquistado e no futuro, com todas as conquistas que ainda estão por vir. Com palavras emocionadas, ela fala sobre as dificuldades enfrentadas nos 33 anos de existência da FNLIJ e agradece a coragem e a determinação da equipe que, junto com ela, vem enfrentando todos os desafios:

“No dia 23 de maio, a FNLIJ comemorará 33 anos. Para registrar este aniversário, pedimos um depoimento do professor e escritor Ezequiel Theodoro da Silva, membro do Conselho Consultivo da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e Presidente de Honra da ALB. Ezequiel mandou-nos um artigo lindíssimo, que vocês podem ler no *Notícias 5*. Mas vou me apropriar aqui da frase/título do texto de Ezequiel: *33 anos da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil: com cruz ou sem cruz, mas sempre com dignidade*.”

E, movida por esta provocação, antes de entrar no clima da festa, gostaria de partilhar os sofrimentos da FNLIJ, para vocês sentirem um pouquinho da nossa realidade:

Nossa missão institucional está voltada para o futuro: os outros.

Os outros: crianças e jovens; pais, mães, avôs, avós...

Os outros: professores, bibliotecários...

Os outros: profissionais, empresários, governo e sociedade em geral...



Estande da FNLIJ na X Bienal Internacional do Livro – Rio de Janeiro – uma homenagem a Ana Maria Machado

Fazemos incessante e apaixonadamente o nosso trabalho: a promoção e a divulgação do artista e do livro. Fazemos isto por opção e como projeto de vida. Acreditamos no que fazemos e é por isto que fazemos.

Mas a FNLIJ ainda faz muito pouco do que poderia fazer. E o pouco que faz é com muito sacrifício.

Sempre foi assim – o que não quer dizer que deverá ser sempre assim. As dificuldades – de ordem financeira – exclusivamente – limitam enormemente a potencialidade da FNLIJ.

Perde com isto a sociedade, uma vez que pais, professores, bibliotecários, estudantes, pesquisadores ficam privados de conhecer o que temos guardado, que não é pouco. Em tempo de sociedade da informação e do conhecimento, esta é uma grave omissão!

Este meu desabafo reflete os 14 anos em que estou na FNLIJ, sempre à espera de um reconhecimento institucional que se traduza em recursos para desenvolvermos um trabalho com algumas garantias mínimas. E que até hoje ainda não chegou. A história registra 33 anos de dificuldade. Mas não quer dizer que deva continuar sendo assim.

Quero registrar meu agradecimento a todos aqueles amigos e colaboradores que partilham esta luta conosco. A lista é longa e eu não vou nomeá-los, para não cometer injustiças. Mas quero sim nomear, neste aniversário, o meu agradecimento à pequeníssima mas fiel equipe da FNLIJ.

Faço questão de nomear, em especial, as três pessoas que, desde 1987, com algumas interrupções no período, têm participado com determinação de todos os desafios que proponho,

porque acreditam, também, na importância do trabalho da FNLIJ.

São profissionais de alto nível, e que bem poderiam estar em empregos que lhes oferecessem, além de um salário justo, garantias trabalhistas. Mas elas optaram pela FNLIJ, com todos os riscos que essa escolha implica.

Sem elas meu trabalho não seria possível.

Obrigada, Elda. Obrigada, Mara. Obrigada, Ninfa.”

Elizabeth D'Angelo Serra, Secretária Geral da FNLIJ

A ENTREGA DOS PRÊMIOS/FNLIJ

Angela Lago, Ferreira Gullar, Nelson Cruz, Ricardo Benevides, Nilma Gonçalves Lacerda e tantos outros escritores, ilustradores, editores, tradutores são chamados à mesa por Elizabeth Serra, Secretária Geral da FNLIJ. Eram sorrisos que se abriam, ao receber este Prêmio, que é tão representativo para todos os que se dedicam à literatura para crianças. Beth Serra lê as justificativas, escritas por uma equipe de votantes de dez estados brasileiros: Bahia, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rondônia, Santa Catarina, São Paulo e do Distrito Federal.

Noventa e sete editores enviaram à FNLIJ 650 títulos, em 1ª edição. E neste momento tão emocionante para todos, mais uma vez percebemos que o grande homenageado da noite é o LIVRO!

Após a cerimônia de entrega dos Prêmios, o coquetel de confraternização, no Restaurante VIP, foi o momento para os encontros, os abraços, as fotos e, sem dúvida, para pensar em novos sonhos e projetos para a literatura dedicada a crianças e jovens em nosso país.

Registramos estas mensagens de congratulações que foram enviadas à FNLIJ:

- Francisco Weffort, Ministro de Estado da Cultura, que parabeniza a FNLIJ e envia a Ruth Rocha seus cumprimentos pelo transcurso de seu aniversário.
- Anthony Garotinho, Governador do Estado do Rio de Janeiro;
- Cidinha Campos, deputada estadual /ALERJ;
- Maria José Gomes Monteiro Vianna, presidente do Conselho Regional de Bibliotecas, e demais membros deste Conselho.

ESTANDE/BIBLIOTECA MARCA A PRESENÇA DA FNLIJ NA X BIENAL DO LIVRO

Dando prosseguimento à cerimônia, Beth Serra agradece ao SNEL e à Fagga Eventos pelo espaço cedido para o estande/biblioteca. Mas não deixa de observar que este espaço precisa ser bem maior. Solicita que Paulo Rocco, presidente do SNEL, assumo o compromisso de manter em todas as Bienais do Livro uma Biblioteca, que é o espaço do livro por excelência.

Paulo Rocco pondera que existem dificuldades para isto, devido ao imenso público que a Bienal recebe. Mas declara: “A Bienal do Livro do Rio de Janeiro é um evento promocional, no qual o livro é o homenageado. Pretendo

estudar uma maneira de viabilizar este projeto de manter uma Biblioteca nas próximas bienais”.

Beth comenta ainda sobre outras conquistas muito significativas: O III Salão do Livro para crianças e jovens está garantido, com o apoio da BR Distribuidora, e já tem data marcada: de 8 a 18 de novembro. Fala também sobre a divulgação que está sendo dada à literatura infantil e juvenil em jornais, revistas e na TV: o escritor Rogério Andrade Barbosa, que também é presidente da Associação de Escritores de Literatura Infantil e Juvenil (AEI-LIJ), foi entrevistado por Pedro Bial, na GloboNews, e pelo Jornal Nacional, da TV Globo, juntamente com o escritor e ilustrador Roger Mello e a escritora Roseana Murray. Ninfa Parreiras, membro da equipe da FNLIJ, “conta histórias” na GloboNews. São espaços significativos na mídia que vão sendo ocupados pelos profissionais da literatura para crianças e jovens.

FNLIJ homenageia a escritora Ruth Rocha

Desde 1993, na cerimônia de entrega dos Prêmios FNLIJ, é prestada uma homenagem a uma personalidade atuante e representativa no cenário da literatura infantil e juvenil brasileira. Em 2000, a homenageada foi Ana Maria Machado, que havia recebido o Prêmio Hans Christian Andersen, oferecido pelo IBBY, pelo conjunto de sua obra.

Em 2001, a homenagem da FNLIJ foi para a escritora Ruth Rocha, que completou 70 anos no dia 2 de março.

Para esta homenagem, a FNLIJ convidou Rosa Cuba Riche, professora e especialista em literatura, que defendeu tese de mestrado sobre a obra de Ruth Rocha; Marcos da Veiga Pereira, editor da Salamandra e membro do Conselho Diretor da FNLIJ; Ziraldo, representando os escritores e também os ilustradores, e Ana Maria Santeiro, agente literária, que há 25 anos tem acompanhado o trabalho de Ruth.

Publicamos neste número do Notícias os discursos de Rosa Cuba Riche e de Marcos Veiga Pereira, saudando uma das escritoras mais queridas das crianças e jovens brasileiros, como também a saudação da Editora Ática, que foi feita pelo editor Fernando Paixão.

ENCONTROS COM RUTH ROCHA

Rosa Cuba Riche

Quando nasceu, em 2 de março, na provinciana São Paulo de 1931, um anjo torto apareceu e cochichou baixinho: “Vai, Ruth, contar histórias na vida.”

Com olhos de sentir, viveu uma infância feliz de pai, mãe e avó. De ouvidos atentos, sorvia cada palavra das histórias de Monteiro Lobato, contadas pela mãe. Eram as “Reinações de Narizinho” as que mais a encantavam.

O pai era médico, homem de duas histórias só: “Aladim e a



A convite da FNLII, a professora de Literatura Rosa Cuba Riche homenageia Ruth Rocha com um belo discurso, no qual são lembrados os livros e as histórias de vida da escritora. Ao lado de Ruth Rocha, Paulo Rocco, presidente do SNEL.

lâmpada maravilhosa” e “O homem da perna amarrada”, repetidas infinitas vezes sempre com gosto de quero mais. Tinha o vovô Ioiô, senhor de mil e uma noites, Sherazade que contava, contava, dormia e acordava contando e, se bobeassem, escorregava para dentro das histórias. Mas foi pelas mãos da vó Neném que, um dia, com três anos, foi cantar na rádio; tomou gosto e saiu cantando até hoje.

A menina cresceu aquecida pelo chocolate quente nas brancas noites acordadas pela asma. Vieram os primeiros bailes, o pai levava e a volta era a pé, porque os tempos eram de guerra e de gasolina racionada.

Na salinha onde estudava, se misturava aos dicionários e às Seleções. O encontro com os cantadores nordestinos no livro cheio de ilustrações aconteceu na biblioteca do pai, onde a menina afiava os ouvidos com a perfeição dos versos daquela gente tão pobrinha, sem voz e sem vez, sem entender como poderia brotar tanta música e tanta rima.

Já adolescente e levada pela irmã foi parar na Biblioteca Circulante, na Praça José Gaspar, onde lia livros por metro, por estante.

Encontrou com o Modernismo de Mário de Andrade e com os disfarces de Fernando Pessoa, até que um dia teve um encontro definitivo com a literatura de Eça de Queirós, em *A Cidade e as Serras*. Começou aí seu amor de perdição pela literatura.

Formou-se em Ciências Sociais na Escola de Sociologia e Política, casou-se com o melhor colega da irmã mais velha Rilda e, a partir de 1957, dedicou 15 anos ao trabalho de orientação educacional no Colégio Rio Branco. Foi lá que a menina espevitada, subversiva, engraçada, atormentada pelo espírito de Pedro Malasartes e de Mahatma Gandhi, encontrava a molecada da década de 60. E na hora de decidir quem estava com a razão, se o moço da cantina, ou as crianças que não queriam receber balas como troco “*como se fosse dinheiro*”, ela não pestanejava: bala não era como se fosse dinheiro; o moço da cantina que arranjasse o troco.

Foi nesse contato delicioso que, um dia, a escola perdeu a orientadora e as crianças brasileiras ganharam uma defensora de seus direitos na literatura.

“Escrevo para dizer o que quero, o que penso. Quero reclamar dos governos autoritários. Quero mostrar a existência da desigualdade entre o homem e a mulher. Não fujo de temas que supostamente não pertencem ao universo infantil. Acho que todo mundo é capaz de entender. Mas não sento para escrever que o homem deve respeitar a mulher. A história vem antes.

Penso assim: o arco-íris; bonita aquela lenda na qual as pessoas passam debaixo dele e mudam de sexo. Aí começa minha brincadeira sobre esse assunto, as conseqüências da mudança.

Foi assim que escrevi *Faca sem ponta, galinha sem pé...* Mostro que o homem e a mulher só resolverão seus problemas pessoais quando pensarem juntos um projeto viável. O projeto feminista é da humanidade, não só da mulher.”

Nessa época apareceu Caloca, Carlos Alberto Fernandez, o amigo que virou personagem. Dirigia a revista *Cláudia* e andava querendo alguém que escrevesse sobre educação.

“(…) as psicólogas que trabalhavam comigo não quiseram. Ele perguntou por que eu não aceitava e respondi que não sabia escrever. Ele insistiu: você vai fazer um artigo sobre tal assunto, para tal data, com tantas laudas. Eu nem sabia o que era lauda. Mas comecei a escrever com a ajuda de Caloca que arredondava o texto com luvas de pelica”.¹

Durante três anos escreveu para *Cláudia*. Aí Sônia Robatto viu um artigo bem ilustrado e com exercícios e convidou-a para fazer os exercícios para a *Recreio*.

Um dia, Sonia Robatto pediu que ela escrevesse uma história.

“De novo respondi que não sabia escrever. Ela me convenceu a escrever coisas que eu contava para minha filha, que não gostava de histórias clássicas, queria a história da mesa, da lua. E eu inventava.”

Recreio vivia conclamando escritores infantis sem muita experiência no ramo, tentando assim evitar o resistente ranço dos já meio profissionais. Ora, Ruth entendia de criança, escrevia sobre educação e vivia contando histórias para sua filha Mariana. Que faltava? A detenção. Uma tarde, cansada de tanto insistir, Sônia prendeu Ruth numa sala de sua chácara, em Granja Viana e decretou, que os tempos eram de decretos:

– Só sai com uma história pronta.

Horas depois, Ruth saiu de lá, meio sem jeito, com uma versão mais literária de uma história que contava para responder a uma pergunta de sua filha – “Por que preto é pobre?”

Assim nascia *Romeu e Julieta*, a história de duas borboletas, uma azul e uma amarela que, juntas, falavam de racismo. “Santa intuição, Ruth estava só lagarteando. Já andava, nessa época cheia de borboletas”, conta Carlos Moraes.²

De mansinho, a lagarta foi saindo do casulo e foi virando borboleta, porque de viração ela entende bastante: vira pergunta da filha em história, queixa do neto Miguel que estava sem companhia em livro, com direito à ilustração do avô Eduardo. Por falar nele, foi depois de mais de 30 anos de vida em comum que ele descobriu mais essa identidade com a companheira. Quando ele enviou as figuras gregas, a pedido de Ruth, para mostrar como gostaria que a *Odisséia* fosse ilustrada, a Cia. das Letrinhas apostou nele, e a literatura infantil ganhou mais um ilustrador.

Hoje, 32 anos depois, 130 livros publicados no Brasil e 25 no exterior em 20 línguas, 12 milhões de livros vendidos e 60 milhões de leitores, aquela menina que ensaiava a primeira história nas tiras de papel azul com a amiga da escola continua borboleteando por aí, procurando não sei o quê, mas *Procurando firme*. Saltando muros dos castelos para descobrir o que há do outro lado, com um batom vermelho na boca sempre pintada, pronta para falar *Palavras, muitas palavras*, tentando descobrir *Para que serve? Um Rezinho mandão*, nesse *Admirável mundo louco*. Quem sabe *A Menina que aprendeu a voar* conta para *O rei que não sabia de nada* que *De repente dá certo*.

“As coisas que a gente fala saem da boca da gente, e vão

voando, voando, correndo sempre pra frente. Sejam palavras bonitas ou sejam palavras feias; sejam mentira ou verdade, ou sejam verdades meias; são sempre muito importantes as coisas que a gente fala.”³

Ruth, *Faz muito tempo* que você vem marcando para sempre a vida de muita gente:

“Seus livros e suas histórias povoaram a minha infância, havendo uma época em que minha vida confundia-se com o cenário dos seus contos e eu era mais uma de suas personagens! Minha imaginação voava solta. Obrigada por tantas alegrias e aventuras.” Beijos, Anna Luíza (14 anos).

“Quando me sento diante de um livro seu, parece que vinte anos da minha idade ficaram para trás. Me comporto como se tivesse apenas oito. Adoro as suas histórias e leio todas que encontro para as minhas filhas. Desejo que o seu sucesso floresça cada vez mais.” Beijos, Eviane Fonseca (28 anos).

“Olá, Ruth Rocha! Adoro os seus livros. Minha mãe comprou o livro *Palavras muitas palavras* quando eu estava aprendendo a ler e escrever. Achei um livro muito divertido e por isso comecei a gostar de ler. Tenho vários livros seus. Eu também quero ser escritora como você. Um beijo e um queijo de sua fã número 1.” Mariana Kinjo (8 anos).⁴

Ruth, mais que admirada, você é amada não só pelos seus leitores, mas também por aqueles que um dia cruzaram o seu caminho:

“Me tornei escritor para criança e jovem a convite de Ruth Rocha. Ela foi a cabeça e o coração da geração *Recreio*, que nos anos 60 reinventou essa vertente literária. Era a mais talentosa de nós.”(Joel Rufino dos Santos)

“Eu e Ruth somos amigas há mais ou menos trinta anos, trabalhamos juntas, nos hospedamos na casa uma da outra, enfim é uma amizade das melhores. Há uma peculiaridade: sempre que estamos juntas rimos muito. Damos gargalhadas até mesmo numa conversa telefônica. É algo alegre que faz muito bem. Acho a Ruth maravilhosa, e espero que continuemos rindo por longos anos.”(Edy Lima)

“Tanto a dizer da nossa Ruth.. Mas o gostoso a pensar é que ela, começando a publicar logo no início do fenômeno da Literatura infantil e Juvenil que começava a despertar no Brasil, jamais procurou saber ‘como’ se fazia isso. Ruth Rocha fez o que achava que deveria ser feito, do modo que achava melhor e... acabou mostrando a todos nós o caminho das pedras.” (Pedro Bandeira)

RUTH TAMBÉM FORMOU LEITORES QUE VIRARAM AUTORES E ILUSTRADORES PREMIADOS:

“Uma das coisas que mais gosto nos livros da Ruth é o fato da questão política estar sempre presente nas suas histórias. Seus livros são engraçados, divertidos, mas a questão política está sempre lá firme e forte. Essa lição acho que aprendi com a Ruth: livro pra criança é livro onde se fala de tudo, principalmente de política.” (Luciana Sandroni)

“Comecei lendo as histórias da Ruth Rocha na revista *Recreio*, na década de 70. Vinte anos depois, illustrei o seu *Eugênio, o gênio* que eu já conhecia dessa revista. Além disso, é muito bom ir tomar um chope com ela no Lamas!” (Mariana Massarani)

Eu também faço parte dessa história. Foi lendo as histórias de reis apresentadas pelas mãos de Glória Pondé e Eliana Yunes na FNLIJ que tive o meu definitivo encontro com a literatura infantil

e juvenil. Alguém me disse – ‘Rosa, leve esses livros e leia, que você vai gostar’. Eu fazia mestrado e procurava algo diferente para tema da dissertação. Levei os livros para casa, li com os filhos, mas não consegui esperar a semana seguinte para voltar à FNLIJ, entrei numa livraria e pedi mais. Devoramos tudo. Saciei a fome das leituras de Lobato proibidas no colégio, na infância.

Hoje estou aqui, juntando pedaços de nossas histórias, a convite da Fundação, com a certeza de que ainda há *Palavras, muitas palavras*, para serem ditas e só

“Quando Deus enganar gente,
Passarinho não voar...
A viola não tocar,
Quando o atrás for na frente.
No dia que o mar secar,
Quando prego for martelo,
Quando cobra usar chinelo,
Cantador vai se calar...”⁵

Um abraço carinhoso e a minha admiração,
Rosa Cuba Riche – Prof.a Adjunta de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira CAP/UERJ; Crítica literária e autora de livros didáticos de leitura e redação; Coordenadora Geral da Oficina da Palavra APLIC; Membro do Júri do Prêmio FNLIJ.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

¹ BASTOS, Dau (org.). *Ana e Ruth: 25 anos de literatura*. Textos de Carlos de Moraes e Marisa Lajolo. Rio de Janeiro: Salamandra, 1995.

² Ibidem.

³ ROCHA, Ruth. *As coisas que a gente fala*. Rio de Janeiro: Rocco, 1981.

⁴ Home-page: www.uol.com.br/ruthrocha

⁵ ROCHA, Ruth. *Reizinho mandão*. 17 ed. São Paulo: Quinteto, 1985.

RUTH ROCHA

Marcos da Veiga Pereira • Editor da Salamandra

Há vinte anos eu iniciava meu curso universitário de engenharia, e fui trabalhar com meu pai na Editora Salamandra. Aquele ano marcou a primeira grande transformação da empresa, com a decisão de publicarmos somente livros para crianças e jovens que pudessem contribuir para a construção de uma sociedade melhor, muito antes de ética e cidadania se tornarem parâmetros curriculares.

Ana Maria Machado foi a pessoa que nos ajudou nesta tarefa, tendo o papel de identificar autores e originais que pudessem compor este catálogo. Todas as semanas ela e meu pai tinham uma reunião em sua sala, onde discutiam os projetos e eu, num cantinho, trabalhava. Num destes dias, ela chegou com cinco laudas batidas à máquina e disse: “Vocês têm cinco minutos, para eu ler este original? – é um texto da Ruth Rocha, a minha amiga querida de São Paulo, que eu quero ler para vocês”. E começou:

“Havia uma vez um rei/num reino muito distante,/que vivia em seu palácio/com toda a corte reinante./Reinar para ele era fácil, ele gostava bastante.

Mas um dia, coisa estranha!/Como foi que aconteceu?/Com tristeza do seu povo/ nosso rei adoeceu./ De uma doença esquisita,/ toda gente, muito aflita,/de repente, percebeu...

Pessoas grandes e fortes/o rei enxergava bem./Mas se fossem

pequeninas, /e se falassem baixinho,/o rei não via ninguém.” (Marcos Pereira lê todo o livro *O que os olhos não vêem*, de Ruth Rocha, editado pela Salamandra.)

Talvez tenha sido aquele o momento em que o mundo perdeu um futuro engenheiro e ganhou mais um editor. Terminada a leitura, nós ficamos boquiabertos, e publicamos o livro no mesmo ano, ganhando o prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e da Associação Paulista de Críticos de Arte.

Depois vieram outros reis, vieram Marcelo, Gabriela, Catapimba, Meninas que aprendiam a voar, e as histórias agora eram contadas pela própria Ruth, tomando sorvete na Brunella. Vieram os livros escritos em parceria com Otavio Roth, publicados pela ONU – com direito a lançamento em Nova York. Veio a indignação com os políticos com a *História de rabos presos*, que, infelizmente, continua sendo um texto muito atual.

E, principalmente, uma grande amizade, o maior patrimônio que os editores conquistam ao longo dos anos, a possibilidade de partilhar o sorriso franco, os papos em casa com Eduardo, as comemorações dos prêmios. É motivo de grande orgulho ser editor de uma autora que influenciou toda uma geração, com seus mais de 10 milhões de livros vendidos.

Gostaria de terminar com uma citação da própria Ruth, a respeito do seu trabalho:

“A leitura é sempre ambígua; e não é na compreensão racional do texto que está o maior valor da leitura, mas na leitura em si mesma e no prazer que ela proporciona. Certa vez, um menino de uns nove ou dez anos de idade me perguntou: ‘Este rei, das suas histórias, é o presidente da República?’

A minha resposta foi que era possível, podia ser, mas que também podia ser um pai mandão, um irmão mandão, um professor mandão.

‘É, mas este é o presidente da República.’

E eu capitulei: ‘É, é o presidente da República.’

E ele completou: ‘E você não tem medo da polícia?’

Eu respondi que sim, que tenho muito medo da polícia. Mas o fato de ter medo da polícia não pode impedir que a gente fale, reclame, bote a boca no mundo. Porque foi para isto que o escritor foi feito. Para mostrar a realidade sob um novo ângulo, para criticar o que se passa por toda a parte, sem dar solução a coisa nenhuma e, sobretudo, sem dar conselhos. Cada um que encontre a sua verdade sozinho.

O único conselho que me atrevo a dar é que não se beijem sapos. Eles podem se transformar em reizinhas mandões... As crianças entendem.” (Trecho do livro *Ana & Ruth*, da Editora Salamandra.)

capaz de manter ao longo de todo esse tempo uma alta qualidade de produção literária, que só renovou e intensificou a sua importância em nossa literatura atual. Conseguiu desenvolver junto aos seus leitores um “pacto” semelhante àquele dos antigos xamãs e contadores de histórias que atraíam e mantinham a audiência em volta da fogueira. Pois é isso o que faz uma boa história: renova o poder enunciador das palavras, suspende o tempo presente, convida para um outro olhar sobre o mundo.

Foram mais de uma centena de títulos publicados ao longo de três décadas – ora em verso ou em prosa, ora em histórias cheias de graça, ou ironia, ou crítica, ou lirismo –, e sempre capazes de tocar o coração do leitor pequeno, ou nem tão pequeno. Foi também uma autora que publicou em muitas casas editoriais e conviveu com momentos difíceis da cena nacional sem perder o pique e a crença nos valores humanos. Mas sua recompensa maior, sabemos nós, tem sido o carinho e o reconhecimento de seus leitores ao longo dos anos.

Quanto aos editores, até por que temos a difícil responsabilidade de escolher os livros a serem publicados, não é raro em nossa atividade sermos atacados pelo vírus de uma espécie de arrogância infantil – quando pensamos que somos nós os verdadeiros responsáveis pelo sucesso de nossos autores. Não tenho dúvidas que o melhor antídoto contra esse acesso de auto-referência pode ser identificado na obra de alguns autores especialíssimos, como Ruth Rocha. E mesmo outros escritores consagrados por um sucesso que só pode ser explicado pelo raro talento de saber contar bem uma história e por sua sensibilidade em estabelecer uma comunicação gratificante para o leitor.

Pois bem, sou da opinião que diante de autores deste porte, a nós, editores, o mais digno que devemos fazer é zelar para que seus livros fiquem bonitos, agradáveis de ler, e distribuídos em todo o território nacional. Em outras palavras, devemos ser os humildes fomentadores desta aliança (difícil de explicar) entre a palavra do escritor e a imaginativa do público. E temos muito que aprender em relação a isso. Não esqueçamos o tanto que o país mudou ao longo destes últimos 30 anos, nem os inúmeros selos editoriais em que Ruth viu impressos os seus livros e que hoje já não existem ou mudaram de perfil. Passaram os fatos da História, surgiram e desapareceram alguns editores, mas a escritora eleita continua querida e lida nos quatro cantos do país. Para o bem de todos nós. Parabéns, Ruth !”

PARA RUTH ROCHA, A LUTA CONTINUA!

Ao agradecer a homenagem, muito emocionada, Ruth mostra que é cada vez mais necessário seguir *procurando firme*, dedicando-se à missão de tornar o Brasil um país de leitores. “O livro faz a memória do homem se multiplicar. Toda a sabedoria, toda a ciência e toda arte estão nos livros. Nosso país tem muitos problemas, mas é hora de lutar pela alfabetização, pois o mundo moderno exige que todos possam ser leitores. É preciso lutar contra a desvalorização do professor. Precisamos de gente que tenha preparo para enfrentar este mundo, que, queiramos ou não, tornou-se um só.”

Ruth comenta que já participa de uma “cruzada” – o Instituto Brasil Leitor – que tem como objetivo a instalação de bibliotecas em bairros pobres de São Paulo. Cem bibliotecas já foram montadas. E acrescenta: “Esta homenagem que recebi foi num local muito apropriado, pois a Bienal é a festa do livro!” ■

“RUTH ROCHA, MAIS DE 30 ANOS DE HISTÓRIA PARA CONTAR”

Fernando Paixão • Editora Ática

A Editora Ática também levou a sua homenagem a Ruth Rocha. Presenteou o público da cerimônia da entrega do Prêmio FNLIJ/2000 com um bloquinho de notas e nos deixou esse texto que transcrevemos a seguir no “Notícias”.

“Determinados autores têm um poder tão especial sobre as palavras, e uma capacidade tão original de criar histórias, que seus livros acabam resistindo à passagem dos anos e aos modismos. Ruth Rocha é um claro exemplo de tal façanha.

Publicando textos para crianças há mais de 30 anos, ela foi

Prêmio FNLIJ

O Notícias traz para nossos leitores as justificativas dos votantes da FNLIJ, referentes aos autores e livros premiados, selecionadas para serem lidas na entrega dos Prêmios/FNLIJ – 2000:

■ PRÊMIO OFÉLIA FONTES – O MELHOR PARA A CRIANÇA:

• “HORS CONCOURS”: *Indo não sei aonde buscar não sei o quê*. Angela Lago. Il. da autora. Belo Horizonte: RHJ, 2000. 32p.

Dizem que os contos populares se mantêm vivos no imaginário porque, paradoxalmente, se modificam. *Indo não sei aonde buscar não sei o quê*, de Angela Lago, bebe na fonte das histórias em que os protagonistas devem desvendar enigmas. Dando uma passadinha pelo inferno, como todo herói que se preze, executando um trabalho burocrático (contabilizar pecados dos pobres mortais, com o auxílio de um computador), a personagem retorna com os instrumentos necessários para o merecido final feliz.

Um prazer à parte, o projeto gráfico. Abusando do vermelho que contamina algumas letras, contrastando o opaco da moldura ao brilho da figura na capa, além do traçado expressionista da ilustração.

Sabemos aonde vamos e o que vamos buscar, quando se trata de Angela Lago, que como suas fontes permanece, porque nos surpreende com o prazer estético sempre renovado de seus trabalhos. • *Maria José Nóbrega* (SP)

• *Chica e João*. Nelson Cruz. Il. do autor. Belo Horizonte: Formato, 2000. 40p. (Col. Histórias para contar história).

As comemorações dos 500 anos do Brasil abriram espaço para o aparecimento de uma variedade de criações artísticas para ver e reler a nossa história, ensinando-nos a nos “re”-conhecer melhor. Em *Chica e João*, Nelson Cruz concebeu e criou um livro muito especial ao unir sua arte de ilustrar à pesquisa histórica, para criar o texto sobre uma das figuras mais populares entre nós: Chica da Silva. Ele nos fala, em um belíssimo texto, de anseios, medos e conflitos pessoais/sociais pelo olhar e voz de Chica e as ilustrações nos colocam de forma mágica no contexto da época. A leitura do livro leva o leitor a ver/ler para além do romance vivido entre uma escrava e um português rico, no século XVIII, fazendo-o pensar sobre nossa cultura. • *Equipe FNLIJ* (RJ)

■ PRÊMIO ORÍGENES LESSA – O MELHOR PARA O JOVEM: *Quando eu voltei, tive uma surpresa: (cartas a Nelson)*. Joel Rufino dos Santos. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 140p.

Um texto absolutamente necessário para compreender-se o que significa a ditadura e para valorizar-se a democracia.

Joel Rufino dos Santos, um dos grandes escritores brasileiros, com tantas obras para crianças e jovens – embora hoje se dedique mais ao ensaio analítico da situação político-social do país – decide publicar as cartas que escreveu a seu filho durante o período de cerca de dois anos em que esteve preso.

Um texto denso e ao mesmo tempo simples, poético e emocionante, relato do dia-a-dia e expressão pungente de saudade e carinho. Um livro bem editado que contrapõe, em páginas duplas, as fotos das cartas manuscritas em canetas de diferentes cores com os pequenos desenhos do pai ansioso por fazer-se presente na vida do filho, as reproduções mecanográficas das mesmas.

Um ótimo lançamento da Rocco que nos possibilita dizer: que bom que Joel está de volta ao gênero que já o consagrou! • *Laura Sandroni* (RJ)

■ PRÊMIO LUÍS JARDIM – O MELHOR LIVRO DE IMAGEM: *Seca*, de André Neves. São Paulo: Paulinas, 2000. n.p.

Artista jovem e preocupado em expressar em imagens a cultura do Nordeste, sua região natal, André Neves obtém bons resultados nesta *Seca*.

Com traços em que o *naif* predomina e cores que contrapõem o verde da água aos tons de amarelo e ocre da terra castigada pelo sol, ele nos fala do problema da seca numa linguagem adequada também ao pré-leitor.

Uma visão social e humana que faltava na produção do gênero. • *Laura Sandroni* (RJ)

■ PRÊMIO MONTEIRO LOBATO

• A MELHOR TRADUÇÃO CRIANÇA: *Coleção Harry Potter (Harry Potter e a pedra filosofal; Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban; Harry Potter e a câmara secreta)*. J. K. Rowling. Trad. Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. (3 vol.)

Apesar de ser dirigido às crianças, desperta o interesse de leitores de todas as idades. Cheio de detalhes, os personagens parecem saltar do texto para a realidade. Como um conto de fadas, desperta a imaginação e a fantasia de todos.

Harry Potter é um aprendiz de bruxo cativante e envolvente. Os meninos sempre descobrem alguma semelhança com ele. Os livros não param na biblioteca. Vão “voando” de mão em mão, mais que a vassoura do pequeno bruxo. A mídia ajuda, é claro, mas o importante é que os livros são ótimos e todo mundo quer ler. • *Glória Granjeiro* (RO)

• A MELHOR TRADUÇÃO JOVEM: *Balzac e a costureirinha chinesa*, de Dai Sijie. Trad. Vera Lucia dos Reis. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. 156 p.

Em artigo que integra uma coletânea publicada pela Cia. das Letras, o saudoso José Paulo Paes faz referência à importância da existência de uma boa literatura de entretenimento para a formação do leitor. Rememorava suas memórias de leitor em formação, citando uma série de obras publicadas na série “Jovens do mundo todo”. Não pude deixar de lembrar de Paes ao ler este livro, que fala de jovens chineses, vivendo as experiências impostas pela Revolução Cultural, mas mergulhando nas emoções clandestinas da leitura do proibido.

É um romance que nos envolve por sua trama inteligente e delicada. Que prazer é poder se deixar embalar por uma história bem contada, mas que ao mesmo tempo desperta a vontade de ler (ou reler) o que aqueles dois rapazes leram: Balzac, Flaubert, Tolstoi, Dickens...

Às vezes, é muito sutil a passagem que nos conduz aos clássicos. • *Maria José Nobrega* (SP)

• A MELHOR TRADUÇÃO INFORMATIVO: *Coleção Descobertas. (Picasso. Marie-Laure Bernadac e Paule du Bouchet. O céu, mistério, magia e mito. Jean-Pierre Verdet. Trad. Adalgisa Campos da Silva. O cinema, invenção do século. Emmanuelle Toulet. Trad. Eduardo Brandão. Jesus, o Deus surpreendente. Gérard Bessière. Trad. Lídia da Mota Amaral. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. 4 vol.)*

Fantástica obra, há seriedade na tradução, sem perda de detalhes, considerando a linguagem literária de alto nível, a abordagem de temas interessantes e desenvolvidos com coerência e profundidade nos resgates históricos. Obra que entrelaça o belo artístico com o belo da literatura, sem deixar perder a essência das informações impressas no seu contexto. Há de ser considerado também o trabalho de edição, qualidade do papel, mancha e demais caracteres que num todo facilita a visualização para o leitor. • *Grupo de Professores da Fundação Municipal de Ensino de Mococa* (SP)

■ PRÊMIO MALBA TAHAN – O MELHOR LIVRO INFORMATIVO: *Circo universal*. Raimundo Carvalho e Ivan Luís B. Mota. Il. Demóstenes Vargas. Belo Horizonte: Dimensão, 2000. 48p.

Trabalho primoroso de Raimundo Carvalho e Ivan Mota, projeto gráfico de Demóstenes Vargas. Ao recontarem a história do circo, seus principais personagens, os palhaços brasileiros mais famosos, os autores recuperam um tempo em que o circo era o elemento mágico mais importante no universo infantil. • *Francisco Aurélio Ribeiro* (ES)

■ PRÊMIO ODYLO COSTA, FILHO – O MELHOR LIVRO DE POESIA: *Um gato chamado Gatinho*, de Ferreira Gullar. Il. Ângela Lago. Rio de Janeiro: Salamandra, 2000. 48p.

O jogo de palavras constrói um ritmo atraente, onde flagrantes do cotidiano e da personalidade do gato aparecem também envoltos em sensibilidade e graça. As ilustrações de Angela Lago acompanham a cadência do animal e contribuem para a criação de um objeto-livro de qualidade. • *Márcia Filgueiras* (RJ)

Obra plena: texto e ilustrações lindos. Ótimo projeto gráfico. Parabéns à Salamandra Editora, a Pascoal Soto, a Angela Lago e, especialmente, a Ferreira Gullar. • *Isabel Maria Carvalho Vieira* (DF)

Ferreira Gullar é certamente o principal poeta brasileiro vivo, e sua contribuição à literatura infantil honra o gênero dirigido às crianças. • *Regina Zilbermam* (RS)

■ PRÊMIO REVELAÇÃO ESCRITOR:

• Ricardo Benevides. *Fábola foi ao vento*. Il. Marcelo Ribeiro. Rio de Janeiro: Revan, 2000. n.p.

Brincar com palavras, num belo vôo sobre o Rio de Janeiro – em uma proposta irresistível ao leitor, nesse texto livre, leve e solto.

Logo à primeira vista, o autor estreante revela cumplicidade com a criança, na compreensão de seu imaginário sem fronteiras.

No texto poético, a palavra atinge a essencial simplicidade desejada por Bandeira: “querer é a delícia de poder sentir as coisas mais simples”.

Em sua passagem pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, e em sua experiência como editor, as ferramentas de seu indiscutível talento foram ajustados à difícil arte de escrever para crianças.

Bons ventos te trouxeram à Literatura Infantil, Ricardo. Que venham novos vôos! • *Marina Quintanilha Martinez* (RJ)

• Dráuzio Varella. *Nas ruas do Brás*. Il. Maria Eugênia. São Paulo: Cia. das Letrinhas, 2000. 80p. (Col. Memória e História).

No estilo depoimento, envolvendo muito de uma história paulistana que não é só do autor, a narrativa é envolvente e curiosa. Com um projeto gráfico cuidadoso, envolvendo fotos muito antigas e desenhos muito modernos, essencialmente caricaturais, o livro é um hino de amor à identidade de cada um. • *Maria Antonieta* (MG)

■ PRÊMIO REVELAÇÃO ILUSTRADOR: *O porco*.

Bia Hetzel. Il. Flora Sonkin e Filipe Jardim. Rio de Janeiro: Manati. n.p.

Humor e linguagem fluente caracterizam esta obra, que brinca com a expressão popular “espírito de porco”. Fazendo sugestões ao leitor de como lidar com esse mau humor, a autora traz situações de brincadeiras, da escola, de jogos. E, assim, mostra às crianças como na nossa língua há expressões associando as características de um animal às atitudes das pessoas: sangue de barata, boca de sapo, etc.

As ilustrações, a quatro mãos, reproduzem a ludicidade proposta no texto, ao retomar a figura bem / mal-humorada do porco. Exploram as formas, os movimentos e usam cores fortes e colagens, envolvendo o leitor nos jogos de linguagem e de imagens. Parabéns à dupla estreante de ilustradores, que encontraram soluções inusitadas para também brincar com o “espírito de porco”, fazendo do livro um manual a favor da diversão e contra a violência. • *Ninfa Parreiras / FNLIJ* (RJ)

■ O MELHOR PROJETO EDITORIAL: *Festas, o folclore do Mestre André*.

Marcelo Xavier. Fot. de Gustavo Campos e Eugênio Sávio. Belo Horizonte: Formato, 2000. 28p.

Que prazer rever as ilustrações tridimensionais do Mestre Xavier, sempre novas e muito bem fotografadas. Vou e volto várias vezes quando descubro, sempre, novos detalhes. Imagino o desenrolar do pensamento de qualquer outro leitor. • *Regina Yolanda* (RJ)

■ A MELHOR ILUSTRAÇÃO: *Chica e João*.

Nelson Cruz. Il. do autor. Belo Horizonte: Formato, 2000. 40p. (Col. Histórias para contar história).

O livro nos brindou com uma história que frequenta o imaginário popular de Minas, que se manteve ao longo dos séculos e ficou conhecida graças à tradição oral de Diamantina. Através de uma estrutura ficcional, aliou fatos históricos, lendas e mitos em torno de uma personagem que marcou a região e a história da escravidão no Brasil.

O projeto gráfico e as ilustrações traduziram belissimamente o enredo e as características da cidade e da época em que se passa a história. Traz informações complementares muito ricas e interessantes. • *Maria das Graças* (GO)

■ O MELHOR LIVRO-BRINQUEDO: *Feliz Natal Ninoca!*

Lucy Cousins. Trad. Maria Elza M. Teixeira. Ática, 2000. n.p.

Livros para bebês e crianças pequenas são para ser descobertos pelo toque, pelas brincadeiras e pelas surpresas que trazem. Presente em obras anteriormente publicadas, a ratinha Ninoca vive situações peculiares à infância: brincar, dormir, passear, festejar...

O grande encanto deste livro-brinquedo é o envolvimento do leitor

com o universo imaginário da personagem, quando se prepara para o Natal. Desde os presentes, os cartões, a decoração, as comidinhas, tudo é cuidadosamente preparado por Ninoca. E a criança tem trânsito livre no fazer lúdico da personagem: abrindo, puxando, levantando e criando seu Natal. • *Ninfa Parreiras / FNLIJ* (RJ)

■ PRÊMIO LUCIA BENEDETTI – O MELHOR TEXTO PARA TEATRO: *História de lenços e ventos*.

Ilo Krugli. Carlos Augusto Nazaré (Org.). Rio de Janeiro: EDC, 2000. 88p. (coleção Vertente Teatral).

Enfim, a EDC publica o texto teatral de Ilo Krugli, que desde 1974 vem encantando gerações.

Segundo Ana Maria Machado, na época crítica do JB para a produção cultural para a criança, trata-se de “espetáculo de nível excepcional, numa montagem que parece mesmo dividir o teatro infantil em antes e depois”.

Partindo do profundo respeito pelo imaginário da criança, *História de lenços e ventos* funda uma nova estética consolidada em espetáculos posteriores e na criação de novos grupos teatrais.

Elementos do cotidiano, manipulados pelos atores, são personagens que ganham vida e contam histórias – o cavalinho azul, a folha de papel, a caneca furada que jorra água na bacia fazendo chuva, o coração de celofane, os lenços coloridos que formam um dragão – trazem o faz-de-conta para a realidade teatral, numa comunicação rica e rara com a criança que, segundo Ilo, “tem dentro um homem de olhos abertos para o mistério de crescer”.

Além de oferecer oportunidades para novas montagens, o texto em livro permite ao leitor que teve o privilégio de assistir ao espetáculo evocar, com saudade, uma das mais belas encenações concebidas para o público infantil. • *Marina Quintanilha Martinez* (RJ)

■ PRÊMIO CECÍLIA MEIRELLES – O MELHOR LIVRO TEÓRICO: *Cartas do São Francisco: conversas com Rilke à beira do Rio*.

Nilma Gonçalves Lacerda. Il. Demóstenes Vargas. Brasília: Projeto Caminho das Águas, 2000. 40p.

Nilma Lacerda inova ao expor aspectos teóricos da arte literária, criando uma obra que é um expressivo exemplo de literatura.

O livro compõe-se das cartas que escreve a um desconhecido autor, em resposta às consultas que lhe faz sobre o processo criativo e suas conotações.

Deliciosas cartas, transbordando simpatia, desejo de ajudar, que nem as águas do São Francisco a transbordarem energia. O rio onde navega é o cenário inspirador das reflexões que derivam de sua própria experiência, atribuindo-as, no entanto, à sabedoria de Rilke, o poeta que admira. Nessa correspondência singular, de mão única, a autora reforça temas cardeais do seu ideário, como a necessidade de ser ético.

Os pensamentos fluem, deslizando como as águas, deixando transparecer a firme convicção de quem conhece os caminhos.

Em cada começo de carta, um jeito de falar, em cada despedida, um modo de dizer. Até a assinatura se diversifica na forma, isto por conta do ilustrador, simbolizando as variadas faces de uma escritora, de talento múltiplo.

Por último, uma carta ao poeta citado, quando arremata as lições que ministrou ao longo do curso do rio...

As ilustrações de Demóstenes Vargas acentuam o clima amoroso desse livro esplêndido que transcende categorias, para se inserir, em plenitude, no melhor dos acervos. • *Maria Betty* (BA)

■ PRÊMIO FIGUEIREDO PIMENTEL – O MELHOR LIVRO RECONTO: *Odisséia*.

Adapt. Ruth Rocha Il. Eduardo Rocha. São Paulo: Cia. das Letrinhas, 2000. 104p.

A famosa *Odisséia*, recontada pela grande contadora de histórias que é Ruth Rocha, propicia o conhecimento de uma obra clássica de inegável beleza. Após a introdução perfeita, os episódios apresentam-se na seqüência de capítulos numerados, que compõem as três partes do livro, e a autora consegue a façanha de condensá-los para contar, em prosa fluente, o célebre poema grego de Homero.

Destaque para as ilustrações que remetem aos tempos fabulosos dos heróis míticos e ajudam o leitor a situar-se no imaginário suscitado pelo texto cativante, enriquecendo-o. • *Maria Betty* (BA) ■

PARA ESTAR EM HAVANA, NESTE SÉCULO XXI

Nilma Gonçalves Lacerda • Escritora e doutora em Literatura Brasileira.

O MUNDO DOS DIABINHOS

Emilia Gallego Alfonso

O meu nome é Mariana e me chamam Nita. Tenho dez anos e meus olhos são da cor do mel – desde que nasci – e tão redondos que minha avó diz que parecem dois pratinhos de sobremesa.

Um dia, quando eu era bem pequena, o céu ficou negro como o fundo de um buraco e começou a chover a cântaros. Antes que o aguaceiro acabasse de cair, enquanto a chuva ia ficando fininha, o sol apareceu. Com ele, a chuva se iluminou. Aquilo era muito lindo de se ver. Parecia com a lâmparina que se acendia à noite, no pátio lá de casa para espantar os mosquitos.

Então, eu comecei a rir. Costumo rir quando tem alguma coisa de que gosto muito. Mas, no meio da alegria, apareceu – muito séria – minha avó e me disse:

– De que é que você está rindo, Nita? Olha que isso que se está vendo não é assunto para rir. A filha do diabo está se casando.

– Como é? – perguntei.

– O que você está ouvindo – respondeu minha avó. – Quando chove com sol é que a filha do diabo está se casando. Todo mundo sabe disso.

Todo mundo podia saber, menos eu. Com aquela notícia, meus olhos ficaram do tamanho de pratos fundos – aqueles que servem para comer a sopa de feijão preto de que tanto gosto. E não era para menos. Não é todo dia que alguém fica sabendo que o diabo tem uma filha com mania de se casar quando chove e faz sol.

Desde então tenho estado a contar as vezes em que choveu dessa maneira tão rara. São bem umas dezenove. E, como já aprendi que pode estar chovendo assim em um milhão de lugares ao mesmo tempo e como também já sei multiplicar, tenho agora uma preocupação que não me deixa dormir. Isso de que a filha do diabo passe a vida se casando cada vez que chove com sol é um tremendo problema. Se por cada casamento nasce um diabinho, não sei o que nós vamos fazer. Desse jeito, logo, logo, vai ter no mundo mais diabinhos do que gente.

O presente conto pertence ao volume *Cuba For Kids*, editado em alemão, em 1997, por iniciativa da Embaixada da Suíça em Cuba e outras instituições. Encontra-se aqui traduzido de sua versão original, em espanhol, editada pelo Comitê Cubano do IBBY, Sección de Literatura Infantil de la Unión de Escritores y Artistas de Cuba, Ediciones Unión e Fundación Alejo Carpentier, sede do Centro de Documentación de la Literatura Infantil Cubana.

Haver no mundo mais diabinhos do que gente. É possível. Mas não me parece que isso faça grande diferença. Gente é diabólica por si só. A liberdade de que tanto nos orgulhamos é a que nos impele para a escolha do mal. Livres? Só o somos verdadeiramente quando escolhemos o caminho de nossa própria destruição. Nenhum outro animal tem essa prerrogativa, como mostra muito bem Georges Bataille, pensador francês.

Único animal que sabe que vai morrer, o *homo sapiens* gosta também de sonhar, ou de se iludir, e pensa, por vezes, que este é um mundo cor-de-rosa, ou que pode vir a sê-lo. Um mundo de leão pastando ao lado do cordeiro, de lobo pulando carniça com ovelha. Lobo e ovelha brincando juntos – é sempre possível, nas imagens apocalípticas; cordeiro e leão comendo da mesma erva – transformado em herbívoro o carnívoro – parece também razoável, mas dois seres humanos separados por alguma espécie de barreira confraternizando em harmonia – é quase impossível. Sigmund Freud diz que nada é mais difícil ao homem do que amar seu semelhante – daí ser este um dos mandamentos imperiosos dos vários credos religiosos, pródigos também em fabricar, em nome do sagrado, seus bodes expiatórios – projetados sempre naquele que é de outra raça, outra religião, outra ideologia, outra natureza.

Daí também as religiões tecerem louvores às pessoas de boa vontade. Ter boa vontade é manifestar-se compreensivo, tolerante, é ir ao encontro do outro, da maneira dele, da verdade dele. É carregar cadernos para novas escritas, livros para enlevo, braços para aquecer e mãos para desenhar. Mas, como pedimos cuidado para com as ilusões, precisamos lembrar que os cadernos podem abrigar, em vez de escritas novas, calúnias; os livros podem ensinar ódio e terror, os braços podem aprisionar, as mãos – disparar. Pois tudo depende da escolha feita. Construir e realizar o bem, destruir e optar pelo mal não são fatalidades. São escolhas e realizações possíveis do humano.

“Cada criança que nasce assinala um novo começo e, com ela, de novo começamos sem nenhuma certeza de que acertaremos ao fim do trabalho.”, diz Fernando Cruz Kronfly, escritor e crítico colombiano, em sua palestra no 27º Congresso do IBBY, realizado em Cartagena de Índias, em setembro último.

Por mais que o educador, a mãe, a sociedade, todos possam se empenhar na transmissão de exemplos e conhecimentos éticos, a vontade individual é soberana e ir contra o próprio interesse é o sinal da liberdade na casa do *bicho que sabe*.

E que alternativa temos nós que nos empenhamos nesse contínuo recomeçar? Nenhuma. Somos Sísifo, rolando a pedra até o alto da montanha, descendo a encosta para fazê-la subir novamente até o alto, de onde ela despenca, e de onde descemos para fazê-la subir, pelo outro lado. Alternando os lados, vivemos transportando as pedras que nos constroem. É penoso, mas é um belo destino. Mover com nossa vida nas muitas subidas e descidas a pedra que nos move, contemplar por instantes, no alto, a pedra que cai; no baixo, a pedra que se estabiliza, a pedra que diz da paisagem que fomos vendo e transformando com nossos passos, com nosso hábito, com nosso olhar, que sempre a inventa mais

bela ou a recusa mais pobre. Que punição para os deuses, que assim nos condenaram! Arditos como nosso ancestral grego, vivemos – enquanto rolamos a pedra.

Enquanto vivemos, vamos lendo o que se apresenta a nossos olhos, ouvidos, mente. Cedo, aprendemos que nosso nome é um, e nos chamam por outro. Que se criam mitos para esconder de nós aquilo que somos. Que o que somos é com frequência projetado fora de nós mesmos, em entidades lapidadas na paciência dos séculos.

Na paciência dos séculos, construímos então o que de nós mesmos nos defenda. No trânsito entre o trabalho e o repouso, antes de nos entregarmos à noite, damos asas aos fios que nos puxam montanha acima e arrastam montanha abaixo. Criamos narrativas, poemas, chuvas de palavras sombreadas pela escuridão, iluminadas pela claridade.

Depois, nos empenhamos em gravar tudo isso, para assegurar longa vida e vasta multiplicação àquilo que foi produzido. E pelo imenso prazer que nos proporciona e ainda porque não temos outra opção, partilhamos tudo da forma mais sedutora possível com as crianças que geramos.

Os livros vão acontecendo, chegando às mãos das crianças, dos jovens, dispersos ao tempo como sementes flocadas. Onde chegarão? Chegarão? Não sabemos. E, no entanto, fazemos literatura e buscamos compartilhá-la. Questão da incompetência humana para ser como o leão ou o lobo, que podem, um dia, pastar junto com o objeto de sua perseguição; ou como as ovelhas, a gazela, capazes de aceitar a proximidade do predador que mudou de natureza.

Nascidos na falta, a palavra é nossa cicatriz e orgasmo. Por isso, escrevemos e lemos coisas que não têm nenhuma outra função a não ser comunicar nossa solidão e perplexidade. A literatura diz as perguntas fundamentais e não traz qualquer resposta.

Todavia, nos cegamos também com Édipo, no momento em que descobre seu nefando e inconsciente crime, e com ele ganhamos a visão interior; morremos com Hamlet, inúmeras vezes, até cairmos abatidos pela estocada final; descemos com Chapeuzinho Vermelho pela goela do lobo; fugimos do desejo paterno junto com Pele de Asno, aprendemos com Pedro Malasartes o sabor da sopa de pedras feita com os donativos dos passantes.

Fantasia talhada sobre o molde de nossos medos e alegrias, os personagens que vamos conhecendo são coadjuvantes na tarefa de correr atrás da pedra que rola morro abaixo, empurrá-la de novo morro acima. E sabemos disso desde bem cedo, como está a descobrir nossa Marianita. Por isso, quando crianças, pedimos tanto que nos contem histórias, saímos, quando jovens, a ler nossas histórias e, adultos, – ouvimos, lemos, contamos e saímos a escarafunchar o poder e o sentido das narrativas na vida do *homo sapiens*.

O V Encontro Ibero-americano de Literatura para Crianças e Jovens vai se realizar em Havana, de 16 a 20 de outubro próximo, dentro do Lectura 2001 – Para Leer El XXI

– convocado conjuntamente pelo IBBY cubano e pela seção brasileira do IBBY, e tendo como tema “Leitura e solidariedade: literatura compartilhada”, continua uma trajetória na qual a FNLIJ está presente desde 1995. Ocupado em ler o século que se ia, o século que chegava, o Encontro se volta para o século que já está aqui, e para o mesmo ser humano cujas buscas não se alteraram com a aceleração do tempo e conquistas tecnológicas. Nas múltiplas faces que se vão mostrando, vamos lendo as circunstâncias destes anos 2000.

Este texto é um convite a você. Poderia usar a beleza caribenha e histórica de Havana, ou a extrema simpatia dos cubanos, que faz deles pessoas muito parecidas conosco, o alto nível de alguns dos convidados a este Congresso, a substância saborosa da troca de experiências, a estrela visionária de Che Guevara soletrando – para alguém de todos os mitos – a solidariedade e a coragem, as noites quentes das danças e marés altas, o burburinho latino na comida próxima, podia usar cada um desses argumentos, ou todos eles juntos, para convencer você a inscrever seu trabalho e ir, descobrindo com os companheiros brasileiros o esfuziante sentimento de sentir-se latino-americano, numa escrita coletiva do desejo presente.

Podia. Podia ainda, num requinte final, dizer: mas você não pode ficar fora da leitura do século em que vivemos. Deixo de lado todos esses argumentos para dizer tão-somente que você precisa ir a Havana. Estar entre os participantes do Lectura 2001 não salva o mundo, não garante nada – mas é uma das formas, uma das boas formas, de somarmos coragem para continuar a fazer o que não podemos deixar de fazer. Compartilhar a crença de que esta criança que está nascendo agora vai escrever uma história criativa e construtiva, na qual a opção a favor do interesse de conservação se espelha na aceitação do outro, o outro e sua rica diferença.

A criança que nasce agora, você, nós, e o começo de um trabalho. Contando e lendo histórias, estudando as histórias que estão escritas, escrevendo histórias. Mais uma vez.



PROGRAMA

O Comitê Cubano do IBBY – International Board on Books for Young People –, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – seção brasileira do IBBY – e a Cátedra Ibero-americana “Mirta Aguirre”, com o co-auspício da Oficina Regional da UNESCO para América Latina e Caribe, do Fundo das Nações Unidas para a Infância e da Asociación de Educadores de Latinoamérica y el Caribe convidam

LECTURA 2001: PARA LEER EL XXI

“LER É TRABALHAR”

Em comemoração ao 110º aniversário da publicação do ensaio *Nuestra América*, de José Martí, e ao 28º Congresso do International Board on Books for Young People (IBBY), a se realizar em Basileia, Suíça, no próximo ano

Ciudad de La Habana, Cuba, de 16 a 20 de outubro de 2001.

SEDE: Hotel Habana Libre Trip

Inspirado no conceito de José Martí: “Ler é trabalhar”, este Congresso tratará, em seus debates, da leitura como ato de reflexão e de emoção, enquanto comunicação abarcadora das multifacetadas relações do ser humano com o Universo.

ATIVIDADES CIENTÍFICAS • INTERVENÇÃO ESPECIAL: “LER É TRABALHAR”

● Conferências de Abertura

1. José Martí em *Nuestra América*: transcendência e universalidade • 2. Leitura e cultura de paz • 3. Leitura, migrações e multiculturalismo

● Mesas Redondas

1– Lygia Bojunga Nunes e Ana Maria Machado: Prêmios Hans Christian Andersen de Nossa América

● Painéis

1 – Programas regionais e nacionais de promoção de leitura em Nossa América • 2 – O acesso à leitura e os mediadores do livro: o autor, o editor, o educador, o bibliotecário, o livreiro

● Oficina

1 – Leitura e criatividade

● Reunião

1– V Encontro Ibero-americano de Literatura para Crianças e Jovens

TEMAS LIVRES

Serão apresentados os trabalhos enviados ao Comitê Organizador e selecionados pelo Comitê Científico, sobre os seguintes temas:

1– Leitura e Ensino: • Concepções sobre a preparação para o letramento e sua aquisição • Competência comunicativa nos distintos níveis de ensino • 2 – Leitura e Biblioteca: • Bibliotecas escolares • Bibliotecas públicas • Bibliotecas especializadas • 3 – Leitura e novas tecnologias: • Multimídia e livro interativo • Internet e globalização • Realidade virtual e identidade • 4 – Leitura e ecologia. As vozes da natureza e seu direito à vida • Educação ambiental • Desenvolvimento sustentável • Ecossistema • 5 – A leitura da arte, os enigmas do texto: • O texto literário, o musical, o plástico, o cinematográfico • 6 – A leitura da violência, os crimes encobertos: • Os crimes contra a mulher, contra as crianças, os adolescentes e jovens • Os crimes contra os anciãos • Crimes contra os deficientes e contra os excepcionais • 7 – A leitura dos meios de comunicação de massa: uma alfabetização adiada • A notícia: informação ou espetáculo? • A telenovela: melodrama ou vida cotidiana? • A publicidade: leitura do consumo? • 8 – A leitura de Nossa América, “Que o mundo se enxerte em nossas repúblicas, mas o tronco há de ser o de nossas repúblicas.”: • Idiossincrasia • Tradição • Identidade cultural • Projeção do futuro • 9 – A leitura do corpo humano, do pulso silencioso à impressão digital: • O corpo como linguagem • 10 – A leitura da cidade, urbanismo e alma humana: • Restauração e conservação • Megalópole e periferia • Barreiras arquitetônicas • 11 – Leitura e solidariedade: literatura compartilhada • Tema exclusivo do V Encontro Ibero-americano de Literatura para Crianças e Jovens

As comunicações sobre os temas livres terão um máximo de 15 minutos e serão expostas em simpósios, painéis fixos ou outras modalidades de apresentação.

PARTICIPANTES

Artistas, educadores, pesquisadores, bibliotecários, livreiros, sociólogos, psicólogos, etnólogos, editores, críticos, profissionais dos meios de comunicação de massa, do marketing, da publicidade, da informática, estudantes, entre outros.

TEU LIVRO BUSCA UM AMIGO

Esse livro – que foi responsável por um pequeno sobressalto, ou por uma reflexão profunda – traga-o com você para Lectura 2001. Escreva, na primeira página, seu nome e endereço, dedicando-o a este Congresso de início de milênio. Confie no alcance de suas asas. Deixe-o ir livre e voltará a você...

PARA LEER EL XXI

OUTRAS ATIVIDADES

- Teu livro busca um amigo: exposição, venda e leilão de livros doados ao Congresso Lectura' 99 e Lectura 2001 • Evento Cultural de Encerramento • 20 de Outubro: Dia da Cultura Cubana • Venda de *souvenirs*

APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS

A data limite para o envio dos resumos foi prorrogada para 20 de junho de 2001; os trabalhos completos devem estar na FNLIJ até 30 de junho de 2001.

1. Os trabalhos e resumos devem se apresentar em página 8 1/2 por 11, espaço 2, com 30 linhas e margens de 2.5 cm, digitados em Word 97 ou WordPerfect, versões para IBM.

2. Os trabalhos deverão incluir na primeira página: o título, nome completo dos autores, breve ficha biográfica, modalidade de apresentação, meios audiovisuais a serem utilizados (gravador, projetor de slides, retroprojector, vídeos - sistema VHS com sinal NTSC -, instituição a que pertence ou representa, cidade, país e correio eletrônico.

3. Os trabalhos, com um quarto de página para o resumo e o máximo de vinte páginas, devem ser enviados ao Comitê Organizador, em disquete ou via correio eletrônico.

4. Os trabalhos serão selecionados por um comitê científico, que comunicará sua decisão àqueles que os enviaram antes de 15 de julho de 2001.

5. Todos os expositores de trabalhos em qualquer modalidade de participação pagarão sua cota de inscrição no Congresso.

6. Os simpósios estarão sujeitos à disponibilidade de espaços para seu desenvolvimento e à oferta de trabalhos para apresentação.

COTA DE INSCRIÇÃO

• Delegados (inclui expositores): USD 250 • Estudantes (devidamente matriculados em cursos regulares e com idade inferior a 25 anos): USD 100 • Acompanhantes: USD 150

O pagamento da cota de inscrição se fará na chegada do participante a Cuba e inclui:

• Delegados e Estudantes: Participação nas atividades científicas do Congresso • Credenciais, documentação, certificado, lanches • Coquetel de boas vindas e Festa de Encerramento

• Acompanhantes: Credencial e sacola com lembranças. Coquetel de boas vindas e Festa de Encerramento.

Esta cota de inscrição é válida somente para os que realizem seus trâmites de viagem por agências CUBATUR, agência oficial do Congresso.

PACOTE TURÍSTICO:

Preços por pessoa em USD.

Hotel	Qto. DBL	Qto. SGL
Habana Libre Trip (Sede)	\$420	\$600
Capri	\$222	\$322
Vedado	\$200	\$265

Inclui:

- Transfer in/out. - Alojamento por 6 noites com café da manhã. - Transfer para atividades do Congresso. - Serviço de guia e de informações.

Não se incluem outros serviços aqui não-especificados.

Comitê Organizador

*Emilia Gallego Alfonso • Comitê Cubano do IBBY
Calle 15 No. 604 esq. a C, Vedado, La Habana, Cuba
Tel: (53-7) 36034 / 329526
e-mail: rosita@opc.cbt.tur.cu • cclfilh@cubarte.cult.cu*

Elizabeth D'Angelo Serra

Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - seção brasileira do IBBY

Rua da Imprensa, 16 salas 1212 a 1215 • 20030-120 • Rio de Janeiro - RJ • Tel: 21 - 262-9130 • e-mail: fnlij@ax.apc.org

Agências de viagem

Agência oficial do Congresso:

Cubatur:

Lic. Rosa María Aguilera • e-mail: rosita@opc.cbt.tur.cu • Tel: (53-7) 554905 • Fax: (53-7) 554733

Os que quiserem tratar de sua viagem, diretamente de Cuba, incluindo bilhete de avião,

Viajes America • Sr. Daniel de Mena

• viajesamerica@teleda.get.tur.cu

Ele trabalha em estreita coordenação com o Comitê Organizador.

Para os que quiserem tratar de sua viagem diretamente do Brasil, as opções são:

Today Tour (Rio de Janeiro) Telefones: (5521) 2478999 / 2479002 / 2479003 / 2479446

Fax: (5521) 5135139 / 2271034

e-mail: today@todaytours.com.br

Sanchat Tour: telef.: (5511) 2596466 Fax: (5511) 2588859

e-mail: sanchattour@sanchattour.com.br

Participe do 6º Concurso FNLIJ / PROLER: Envie os projetos de promoção da leitura junto a crianças e jovens que existem em sua comunidade!

Continuam abertas as inscrições para o 6º Concurso FNLIJ/PROLER, dedicado aos “Melhores Programas de Incentivo à Leitura junto a Crianças e Jovens de todo o Brasil – 2001”, promovido pela Fundação Biblioteca Nacional – FBN/MinC, o Programa Nacional de Incentivo à Leitura – PROLER/MinC e a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ.

Os trabalhos serão recebidos até o dia 1 de outubro de 2001. Os resultados serão divulgados no final de novembro de 2001.

O regulamento completo do concurso pode ser obtido na FNLIJ e na Casa da Leitura/PROLER. ■

MANTENEDORES DA FNLIJ

Abrelivros, Agir, Ao Livro Técnico, Ática, Atual, Balsa Planeta Internacional Ltda., BCD União de Editoras, Berlendis & Vertecchia, Brinque-Book, Callis, CBL, Cia. das Letrinhas, Clínica Ênio Serra, Compor, DCL, Dimensão, Ediouro, Editora do Brasil, Editora Globo, Editora Leitura, Editora 34, Editorial Mercuryo Jovem, Exped, Forense, Formato, FTD, Global, Hamburg Donneley Gráfica, José Olympio, Lê, Letras e Letras, L&PM Editores, Makron Books, Martins Fontes, Mazza, Melhoramentos, Miguelim, Moderna, Nova Fronteira, Objetiva, Paulinas, Paulus, PricewaterhouseCoopers, Projeto, Record, Relume-Dumará, RHJ, Rocco, Salamandra, Santa Clara, Saraiva, Scipione, Siciliano, SNEL, Thex Editora, Stúdio Nobel, Villa Rica.

EXPEDIENTE

Fotolito e Impressão: PricewaterhouseCoopers •

Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra • Redação: Magda Frediani

• Revisão: Cláudia Gonçalves Pinto, Magda Frediani e Ninfa Parreiras • Diagramação: Marcelo Ribeiro • Fotos: Mariza Lima

GESTÃO 1998-2001 • Conselho Curador: Altair Ferreira Brasil, Ana Lygia Medeiros, José Bantim Duarte, Lilia Maria Alves, Maria Antonieta Antunes Cunha, Rafael de Almeida Magalhães Conselho Diretor: Laura Sandroni, Marcos Pereira, Regina Bilac Pinto (presidente) Conselho Fiscal: Celina Rondon, Henrique Luz, Maria do Carmo Marques Pinheiro, Marcio Tavares d'Amaral, Regina Lemos, Terezinha Saraiva. Conselho Consultivo: Alfredo Weiszflog, Claudio Mendonça, Ezequiel Theodoro da Silva, Edmir Perrotti, Ferdinando Bastos de Souza, Geraldo J. Pereira, Helena Rodarte, José Raymundo Martins Romeo, Lúcia Jurema Figueróia, Maria Alice Barroso, Maura Ribeiro Sardinha, Paulo Rocco, Propício Machado Alves, Regina Yolanda, Victor Mussumeci, Wladimir Murtinho. Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Associe-se à FNLIJ e
receba mensalmente Notícias.
Tel.: (0XX)-21-262-9130
e-mail: fnlij@ax.apc.org
home page: www.fnlij.org.br

Rua da Imprensa, 16 - 12º andar cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil tel.: (0XX)-21-262 9130 fax: (0XX)-21-240 6649 e-mail: fnlij@ax.apc.org